

ATIVIDADES DE CAMPO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Igor Leonardo Machado Santos ¹
Maria Alice de Menezes Torres ²
Paulo Heimar Souto ³

INTRODUÇÃO

O ato de ensinar muitas vezes ultrapassa as barreiras da sala de aula, a aprendizagem não se restringe somente ao convívio entre professor e aluno, dentro das tradicionais quatro paredes. Dessa forma, é preciso um contato com a realidade, principalmente, no âmbito da ciência geográfica, uma vez que essa disciplina é cercada de conteúdos concretos, os quais podem ser visualizados no dia a dia. Sendo assim, aulas práticas, chamadas de "atividades de campo" se fazem mais que necessárias para fomentar a construção de saberes dos alunos.

Nesse sentido, é significativo uma visão mais positiva e comprometida a respeito dessas aulas. É também necessária não só uma transformação nos ideais estabelecidos sobre essas aulas extraclasse, mas ainda o entendimento de que se trata de uma nova forma didática de passagem do conteúdo para o discente, uma fusão teoria prática, isto é, a concretização da práxis. Conforme Pereira, "Fora do horizonte da prática que a fundamenta, teoria de fato não passa de abstração." (PEREIRA, 1982, p. 12) Diante disso, é notório que se deve existir uma ligação anatômica entre princípios e ações.

Mais adiante, é mais que provado que a aula descoberta (FREINET, 1979) é também uma extensão de aprendizagem. Assim, fica claro que na geografia uma disciplina extremamente visual tanto em sua perspectiva física, quanto social, que as aulas práticas, desde que bem planejadas (com objetivos traçados para que sejam cumpridos), são essenciais para os alunos se tornarem conhecedores da realidade e conseqüentemente terem uma formação mais completa.

À luz dessas ideias iniciais, propomos nesse trabalho fundamentar ainda mais o ideal de que a teoria necessita da prática no ensino da geografia, pois as atividades de campo servem para complementar todo o aprendizado. Por conseguinte, não se resumindo a isso, temos também por propósito mostrar através das pesquisas realizadas, o que alunos e professores do Departamento de Geografia - DGE da Universidade Federal de Sergipe – UFS consideram sobre as aulas realizadas através das atividades de campo.

Quanto à metodologia utilizada, realizou-se entrevistas gravadas utilizando de três indagações para professores e alunos, com o intuito de saber o ponto de vista desses quanto ao tema aqui abordado. Outrossim, esse trabalho se justifica por frisar a importância das atividades

¹ Graduando pelo Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe - UFS, igorleonardo3252@hotmail.com;

² Graduando do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe - UFS, marialice92@gmail.com;

³ Professor Orientador: Licenciado em História, Mestre em Geografia, Doutor em Educação e pós-doutoramento em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, atua como professor pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS, heimarmphs@hotmail.com

em campo, tanto no âmbito da Educação Básica, quanto no Ensino Superior, mais especificamente em curso da Licenciatura em Geografia.

Seguidamente, trataremos aqui dos resultados e as discussões dessas entrevistas, bem como o desenvolvimento do trabalho e suas considerações.

PROCESSOS METODOLÓGICOS

Do ponto de vista metodológico, é necessário ressaltar que se trata de um trabalho qualitativo que estará ligado a entrevistas que foram efetuadas no período 29 a 31 de julho de 2019 na Universidade Federal de Sergipe – UFS, com vinte e cinco alunos e onze professores do Departamento de Geografia do Campus sede, localizado em São Cristóvão. Nesta perspectiva, a entrevista foi embasada em um questionário aberto tendo como indagações trabalhadas com os professores as seguintes: Qual o seu objetivo ao realizar uma atividade de campo?; Você vê a atividade de campo como fator essencial de aprendizagem?; Você percebe um aprendizado maior dos alunos que vão a campo em relação aos que não vão? Posteriormente, para alunos foram realizadas as seguintes perguntas: Você se sente instigado a ir para atividades de campo?; O que você busca em uma atividade de campo?; Você consegue atrelar os assuntos trabalhados em sala com a realidade? Justifique. Assim sendo, a entrevista foi mediada pelos autores desse trabalho.

Seguidamente, temos por entendimento que uma entrevista é caracterizada por nos trazer resultados tanto quanto positivos, pois conforme citado por Gil a entrevista:

a) não exige que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever; b) possibilita a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado; c) oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista; d) possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas. (GIL, 2008, p. 110)

Portanto, o âmbito dessa averiguação é o interesse no melhor desenvolvimento de saberes dos alunos do curso de geografia.

AS CONTRIBUIÇÕES DAS ATIVIDADES EXTRACLASSE PARA A GEOGRAFIA

A aprendizagem não se dá de um dia para o outro, mas sim de forma gradativa, ou seja, é uma construção que une o conhecimento trazido pelo professor, o entendimento do aluno e o contato com a realidade. Ciente disso, podemos constatar que as aulas de campo trazem contribuições positivas e que dessa forma devem ser constantes para a intensificação do conhecimento que ali está sendo transmitido por meio da visualização da realidade. Dessa maneira, fazem surgir novas percepções que corroboram não somente com a agregação de conhecimentos do aluno, mas também com seu posicionamento a partir do que é visto e analisado.

Segundo Alentejano e Rocha-Leão “devemos compreender o trabalho de campo como uma ferramenta a serviço dos geógrafos, desde que articulada com a teoria, capaz de possibilitar a conexão da empiria com a teoria” (ALENTEJANA E ROCHA-LEÃO, 2006, p. 58). Diante do disposto, percebemos a grande contribuição que existe das aulas fora do âmbito escolar para com a concretização da “tripartite” (geografia – teoria – prática) na educação para alunos seja ele do fundamental ou médio, seja ele do superior.

Atuando também como facilitador do ensino, bem como uma forma mais didática de se ministrar aulas, de envolver o aluno com o que é visto nos livros didáticos ou em teses e

dissertações, as aulas de campo de acordo com Lima e Assis “[...] se configuram como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido” (LIMA E ASSIS, 2005, p. 112). Diante disso, compreendemos a relevância dessas aulas para a formação de um ser que tenha visões diferentes sobre o que lhe é apresentado, fazendo sempre ligações com a práxis.

Isto é bem colocado no que expressa Milton Santos,

Ao nosso ver, a questão a colocar é a da própria natureza do espaço, formado, de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. Paisagem e sociedade são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano. (SANTOS, 2006, p. 69)

Assim, percebemos o quanto a análise do espaço é algo particular. Por isso, aulas práticas na geografia são imprescindíveis, visto que somente percebendo numa esfera prática se terá o total entendimento do que ele representa.

Trazendo para contextos atuais, e dialogando com o que está sendo apresentado, o curso de geografia da Universidade Federal de Sergipe, é bastante privilegiado por proporcionar aos alunos essas atividades extraclasse. Além disso, é notório segundo professores do DGE, o crescimento dos educandos no que se refere aos assuntos aprendidos em teoria, após as atividades de campo, bem como a forma diferente na qual esses alunos passam a analisar o espaço no qual estão inseridos, podemos afirmar isso em fala do docente, que ao ser interrogado sobre uma possível aprendizagem maior dos alunos que vão a campo em relação aos que não vão, ele responde da seguinte maneira: “Sim. Sem comparação. Eu posso comparar diferentes turmas da mesma disciplina, que foram e que não foram a campo, é completamente diferente, a assimilação e empolgação, inclusive para continuar produzindo geografia”. (E1, 2019)³

No entanto, é também constatado algumas vezes, falta de interesse ou inexistência dessa empolgação citada acima por parte dos discentes. Muitos não veem importância nas aulas descoberta, como é mostrado a seguir na fala de estudante do 2 período “não vejo a necessidade de sairmos da sala para fazer simples observações, já que vemos tudo através de vídeos e imagens, acho que se torna suficiente para analisarmos a paisagem” (E2, 2019). Dessa forma, fica claro que boa parte dos discentes não usufruem as aulas de campo da melhor forma possível, e por consequência não a tratam como nova maneira de analisar o mundo e suas realidades.

Nesse sentido, através do que foi abordado acima, é de fácil entendimento os benefícios que essas aulas trazem para o aluno, todavia quando esses sabem aproveitar o que lhes está sendo proporcionado. Além disso, é também benéfico para o professor, pois esse terá a cada volta uma visão diferente sobre o que está sendo analisado. Desse modo, há também nessas aulas fora do âmbito escolar um conjunto de sensações que expressão o nível de proximidade que o discente possui com aquela realidade. Conforme Assis e Oliveira,

A aula de campo é uma atividade extra-sala/extra-escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a modalidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende elucidar sensações de estranheza, identidade, feiura, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido. (OLIVEIRA & ASSIS, 2009, p. 196)

³ Neste trabalho, priorizou-se a não identificação dos entrevistados, e para esses, foram utilizados siglas, por exemplo E1, para se referir a determinado entrevistado.

À vista do que é colocado por Oliveira e Assis, é a partir desse impacto de uma realidade distante, distorcida ou não conhecida pelo aluno, que se podem despertar novas formas críticas de ver e ler o mundo.

Seguidamente, em entrevistas realizadas com alunos em diferentes situações do curso (primeiro; segundo; terceiro; quarto e quinto período, já foram ou não a campo, possuem interesse ou não em aulas extraclasse), pudemos obter informações e considerações a respeito do tema. Em geral, os acadêmicos abordam essas aulas como positivas e construtivas, desde que os inspirem e os mostre nitidamente o que vos é apresentado em sala. Possuem também, comentários que dizem respeito a impressões e impactos de diferentes realidades obtidas logo após a realização do campo.

Em fala de estudante do quarto período, é explícita a vontade de conhecer as novas realidades, vemos isso na afirmação: “Fico curiosa para saber o que o campo mostrará. Sempre que tenho oportunidades vou às aulas práticas. Visto que é muito importante concretizar o que vejo em sala” (E3, 2019). Posteriormente, é também coletada posição de alunos que ainda não foram a campo, e que de modo geral, entre esses, demonstram através de afirmações a falta que sentem da transposição da abstração para o físico, “as vezes sinto falta das aulas práticas, para mostrar o que vemos na sala”(E4, 2019). Assim, tem-se uma primeira ideia da disparidade que há entre alunos que já foram a campo e alunos que não participaram das atividades de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise dos depoimentos dos alunos, compreendemos a importância da prática unida a teoria para a aprendizagem, sobretudo, na esfera da geografia. Visto que, como debatido toda forma de aprender é gradativa, sendo assim, quando se relaciona a prática através das aulas de campo o processo fica mais curto, pois elas auxiliam e complementam no que foi visto em sala. Dessa forma, facilita a assimilação e conseqüentemente ensina a aprendizagem.

Como colocado pelo aluno do quinto período, “tudo que eu vi, ouvi e imaginei dentro da sala de aula foi extremamente ampliado no contato com a realidade que as aulas práticas proporcionam” (E5, 2019). À vista disso, dando enfoque as considerações dos professores, frisamos a importância da prática na geografia, pois como citado, a ciência geográfica trabalha o espaço e nada melhor para o entender do que estar nele, observando e refletindo com o intuito de o compreender ainda mais e assimilar suas características com aquelas aprendidas em sala de aula. Dessa maneira, são agregados novos olhares aos conhecimentos adquiridos.

Como frisou o professor Christian Boudou “A geografia trabalha o espaço” (E6, 2019). Assim sendo, é necessário realizar dentro das disciplinas, aulas práticas, para que os alunos possam visualizar o espaço por completo.

É imprescindível reafirmar a importância das aulas de campo para a aquisição do saber dos alunos, pois além de agregar muito na aprendizagem podem trazer novas visões pessoais de vida para eles, quebrando, muitas das vezes, visões más construídas, pois consoante Pereira, o homem não atua num vazio e suas relações fazem com que sua ideologia interfira, sobretudo, em sua forma de agir, pensar, criticar, analisar e observar (PEREIRA, 2003). Logo, fica evidente, a partir da análise das falas de alunos e professores, que as aulas de campo podem ser usadas como um elemento fundamental para uma boa aquisição de saberes. Visto que a maioria dos alunos e professores concordam que todos os conhecimentos se expandem no contato com a prática.

Quanto aos olhares de discentes e docentes à luz do tema aqui trabalhado, observa-se algumas diferenças, por mais que sejam poucas, uma vez que parte dos alunos não contemplam a aula de campo como uma aprendizagem além da sala de aula (observamos isso em fala de entrevistado acima), visão essa que se apresenta de maneira oposta por parte dos onze

professores entrevistados, já que esses veem a atividade extraclasse como parte imprescindível no ensino da geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a relevância das aulas práticas no ensino da geografia, nos faz perceber como a união da realidade com a abstração das salas de aula são importantes para a aprendizagem dos alunos. Dado que, essa junção auxilia essencialmente para o aumento dos questionamentos dos estudantes sobre os assuntos trabalhados, instigam novos olhares sobre a realidade, além de contribuírem na construção didática dos professores.

Sendo assim, aulas extraclasse são vitais para a aprendizagem, principalmente, no ensino da geografia. Portanto, é significativo que os professores unam a prática com a teoria, dentro dos seus métodos de ensino e assim estaremos subsidiando uma ascensão não só da própria geografia no quesito conhecimento adquirido pelo futuro docente, mas ainda estaremos colaborando para um ensino e educação de qualidade.

Palavras-chave: teoria, prática, aula de campo, geografia.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo R. R.; ROCHA-LEÃO, Otávio M. **Trabalho de Campo: Uma Ferramenta Essencial Para os Geógrafos ou um Instrumento Banalizado?** Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n.84, p. 51 – 67, 2006. Disponível em: http://www.uel.br/cce/geo/didatico/omar/pesquisa_geografia_fisica/BPG84_Pesquisa.pdf
Acesso em: 03 jul. 2019

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna.** Trad. Silva Letra. 4ª ed. Lisboa: Estampa, 1975.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, V. B; ASSIS, L. F. DE. **Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia.** Revista da Casa de Geografia de Sobral. Sobral, v. 6/7, n. 1, 2004/2005.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p 195-209, 2009.

PEREIRA, O. **O Que é Teoria.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Editora Artmed: Porto Alegre, 1999.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 4. ed. 2. reimpr.